

---

## Décroissance: entre política e meio ambiente

Ana Flávia Pulsini Louzada Bádue

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1523>

DOI: 10.4000/pontourbe.1523

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

Ana Flávia Pulsini Louzada Bádue, « Décroissance: entre política e meio ambiente », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1523> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1523

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

---

# Décroissance: entre política e meio ambiente

Ana Flávia Pulsini Louzada Bádue

---

## NOTA DO AUTOR

Na Itália, existe uma discursividade semelhante, a Decrescita Felice, mas aqui somente o movimento francês será problematizado.

- 1 Discursividades dedicadas a questões ambientais vêm se configurando desde o século XIX. A partir da década de 70, natureza e política se associaram e começam a aparecer críticas ao sistema capitalista por um viés ambiental, sobretudo nos países de capitalismo avançado (Bramwell, 1989; Dalton, 1994). A França conheceu, nesse momento, uma série de discursividades críticas às noções de progresso e desenvolvimento, em função da devastação ambiental provocada pelo sistema capitalista, sendo uma dessas discursividades denominada *décroissance* (em português, decrescimento), que hoje se configura como movimento político ambiental.
- 2 Um panorama das vozes ligadas à *décroissance* é aqui traçado com base em produções impressas e virtuais, como notícias de jornal, divulgações de eventos, artigos acadêmicos, panfletos e imagens, favoráveis ou contrárias à *décroissance*. A pesquisa que vem sendo desenvolvida aponta questões que, apesar de específicas ao movimento, aparecem em outros lugares, de maneiras diversas. Isso não quer dizer que a *décroissance* apenas reproduz um discurso genérico ou é produto de alguma tendência abstrata e anterior a ela. Essa discursividade parece ser uma “combinatória local” (Morawska Vianna e Sklair, 2008), significando que o conjunto de sua constituição (idéias, conceitos e práticas) “está também presente de distintas formas em outras dinâmicas, perpassando-as como linhas difusas, simultaneamente presentes em diferentes pontos do sistema mundial. Tais linhas difusas, apesar de comuns a diversas dinâmicas, operam de forma distintiva, de acordo com as configurações de poder específicas” (*idem*)<sup>1</sup>.

- 3 Questões centrais para o movimento, como o desenvolvimento sustentável, a crise econômica e o consumo, expressam um modo específico de articulação entre política e meio ambiente. Uma genealogia (Foucault, 2008) desses conceitos revela relações de força capilares e denota os micropoderes que calam certas vozes na medida em que consolidam e estabilizam outras. Com inspirações foucaultianas, esse artigo pretende lançar luz sobre as lutas e conflitos que permeiam a constituição de conceitos aparentemente unívocos, consensualmente aceitos, como o de sustentabilidade, indicando uma possibilidade de articular a *décroissance* a um processo mais amplo.
- 4 O termo *décroissance* circulou primeiramente como teoria político-econômica nos anos 70, nos trabalhos do economista Nicolas Georgescu-Roegen. Hoje, ele é considerado pelos adeptos do movimento o primeiro a defender a necessidade de uma revisão do sistema econômico a partir de considerações ambientais (Grinevald, s.d.). A obra deste economista, no entanto, foi marginalizada durante vinte anos e, na década de 90, retomada, inclusive no Brasil (cf. Veiga 2004).
- 5 Nesse momento houve, também, um aumento da produção acadêmica francesa sobre a *décroissance* (IEESDS, 2006), paralelamente à sua constituição como movimento político. Um processo de institucionalização deu força ao movimento e foram criados um instituto de pesquisa, o *Institut d'Études Économiques et Sociales pour la Décroissance Soutenable* (IEESDS) e, alguns anos depois, um partido político, o *Parti pour la Décroissance*. Em algumas cidades francesas apareceram pequenos coletivos relativamente independentes, que promovem eventos ligados à *décroissance*, como cafés, debates, reuniões, sendo denominados pelos integrantes, de “grupos locais”.
- 6 Atualmente o movimento defende, em termos genéricos, uma revisão do sistema produtivo capitalista, sobretudo, nos países e regiões mais ricas, com a finalidade explícita de recusá-lo e de alterar a lógica que rege a produção e o consumo. Argumenta-se que produção e consumo no capitalismo são extremamente danosos à natureza, com base no princípio econômico de que a ampliação dos lucros não reconhece qualquer limite. Além disso, bem-estar é identificado com consumo. O indivíduo feliz é aquele que consome o máximo de bens e, quanto mais se consome, mais se produz; quanto maior a produção, mais intensa a exploração da natureza e mais lixo é gerado.
- 7 Apesar de considerar o sistema como uma totalidade, as críticas do movimento são direcionadas, especialmente, às dimensões do consumo e da publicidade. Nesse sentido, dois tipos de propostas acompanham as críticas. Por um lado, propostas políticas mais abstratas, como sair da economia (Latouche, 2003a, 2003b) ou indicações vagas sobre novas formas de relacionamento com a natureza. Por outro lado, há propostas concretas de ações individuais, que apesar de serem necessárias para a realização das anteriores, não são consideradas suficientes. Trata-se de adotar um estilo de vida simples, consumindo somente daquilo que é necessário e trabalhando menos. A esse modo de vida cotidiano dá-se o nome de *simplicité volontaire*. A simplicidade voluntária, no entanto, não é exclusiva da *décroissance*. Em outros lugares, como no Brasil e no Canadá<sup>2</sup>, ela aparece como preocupação estritamente individual e privada, sem menção ou associação a coletivos políticos de qualquer tipo.
- 8 O movimento se configurou, historicamente, a partir de críticas ao crescimento, ao capitalismo, ao consumo e, também, aos discursos, políticas e pessoas associados ao funcionamento do sistema capitalista. O “outro” principal da *décroissance* – contra o qual

se coloca – é o desenvolvimento sustentável (em francês *développement durable*), ambos emergentes na década de 70 (Betti-Cusso, 2005).

- 9 Nos anos 2000, dois integrantes do movimento propuseram o termo "décroissance soutenable", para se opor a "développement durable" (IEESDS, 2006), e os textos produzidos desde então reforçam essa oposição. O jornal *La Décroissance* dedica um espaço para *Le Bêtisier du "Développement Durable"*, no qual são reproduzidas frases ou trechos de textos em defesa do desenvolvimento sustentável, como a fala de Nicolas Sarkozy "La croissance, demain, sera durable ou ne sera pas" (*La Décroissance*, 2009: 15).
- 10 O desenvolvimento sustentável é criticado por ser considerado uma forma de garantir a manutenção do sistema capitalista, da produção em massa e do consumo desenfreado, pois usaria argumentos ecológicos para manter as prerrogativas do desenvolvimento (lucro e crescimento). O livro *Le choc de La Décroissance*, de Vincent Cheynet (s.d.), expressa essa crítica, como no trecho a seguir:

La croissance «verte», «propre», «dématérialisée», ou le «développement durable», présents dans la bouche de toute notre représentation politique, ne sont-ils pas autant d'opérations cosmétiques qui nous empêchent de regarder la réalité en face et nous conduisent à accentuer une folle fuite en avant?

- 11 Já do ponto de vista do desenvolvimento sustentável<sup>3</sup>, a *décroissance* não é um inimigo. Entre ambos há antes uma continuidade do que uma oposição, e as fronteiras, quando mencionadas, são borradas. Philippe Defeyt (2008), presidente do *Institut pour un Développement Durable*, afirma que já existe um processo de decrescimento no que diz respeito aos automóveis:

Récemment, les prix de l'essence et du diesel ont conduit des deux côtés de l'Atlantique à une forme de décroissance, celle du nombre de kilomètres en voiture. Et cela sans mouvements sociaux, sans catastrophe économique. C'est la démonstration que l'on peut vivre dans une société acceptable pour l'immense majorité d'entre nous tout en roulant moins en voiture.

- 12 Didier Jouve, organizador do "5es Assises nationales du développement durable", diz que não é contra a luta dos objetores do crescimento, mas sim contra a palavra, pois o prefixo *de-* exprime negação. Sugeriria, em vez disso, "Sobriété, simplicité volontaire, ou même décroissance de la prédation des ressources, croissance de l'accès à l'eau pour tous, de l'accès à l'éducation" (Jouve, 2009). Essa aproximação também aparece no verbete "Décroissance" do Petit Larousse, incorporado ao dicionário em 2009: "politique préconisant un ralentissement du taux de croissance dans une perspective de développement durable" (Bonal, 2009).

- 13 Novos acontecimentos trouxeram à tona questões que permitem entender melhor o que está envolvido no jogo entre desenvolvimento sustentável e *décroissance*. No cenário da crise econômica mundial que estourou em 2008, a quantidade de notícias, artigos e notas sobre o decrescimento da economia aumentou consideravelmente e apareceram mais publicações produzidas pelo movimento. O sentido de declínio, queda ou diminuição presente no termo jamais estivera ausente das discussões do movimento, mas passou a ocupar um novo lugar nos debates, tornando-se central, pois um movimento que nega o crescimento precisou marcar sua diferença com relação à *décroissance* da crise econômica. Diz-se, com frequência, que *décroissance* não é qualquer *décroissance*, e isto quer dizer que, mesmo que a economia e o sistema capitalista como um todo estejam em crise, o decrescimento em curso não necessariamente leva a uma negação do crescimento:

Ne prenons pas les vessies pour des lanternes: la crise économique qui nous pend au nez ne constitue pas le quart du commencement d'une décroissance équitable et

solidaire. Au pays de la croissance, la récession n'augure rien de bon. Remettons les mots à leur juste place.

**Ariès, 2008: 3**

- 14 Com a crise, começaram a aparecer textos discutindo o sentido do termo, para esclarecer que decrescer não é entrar em recessão:

¿Qué se puede decir sobre la crisis económica desde el punto de vista de quienes somos "objetores al crecimiento"? Que nadie se equivoque, porque decrecimiento no es sinónimo de recesión. Tal como escribí hace más de dos años: "No hay que elegir entre crecimiento o decrecimiento, sino más bien entre decrecimiento y recesión. Si las condiciones ambientales, sociales y humanas impiden que siga el crecimiento, debemos anticiparnos y cambiar de dirección. Si no lo hacemos, lo que nos espera es la recesión y el caos".

Ahora hemos entrado en recesión, pero que nadie se confunda, no en una sociedad de "decrecimiento". Para empezar, no hemos cambiado nuestra organización social, y en la actual organización todas las instituciones y mecanismos redistributivos se nutren de la idea del crecimiento. En una sociedad así, cuando el crecimiento falta, la situación es inevitablemente dramática. El decrecimiento es algo totalmente distinto. Significa crecer en humanidad, esto es, teniendo en cuenta todas las dimensiones que constituyen la riqueza de la vida humana.

**Ridoux, 2009**

- 15 Um trecho de uma entrevista é também significativo dessa questão que se colocou para o movimento:

Est-ce que l'Europe est en décroissance ?

Non, on est en «récession». Le gouvernement parle de «croissance négative»: c'est de la manipulation. Mais il faut éviter la confusion avec la «décroissance», qui est maintenant un programme écologique. Et une réflexion sérieuse.

**Généreux, 2009**

- 16 O debate posto pelo movimento sobre o significado da *décroissance* procura separar e marcar as diferenças entre os dois sentidos que o termo comporta. Na língua francesa, o prefixo *dé-* pode exprimir tanto negação quanto privação. No caso do vocábulo *décroissance*, o sentido corrente do prefixo é de privação, tal como em português: de acordo com o dicionário Le Robert de Poche, *décroître* é “diminuer progressivement; baisser”, enquanto o Houaiss, em português, sugere para decrescimento “ação ou efeito de decrescer; decréscimo, diminuição”. Na crise, a *décroissance* é a diminuição de bens e serviços circulando na economia. Não se trata de uma negação do crescimento econômico, e sim da privação de sua vitalidade.
- 17 Já o sentido que o movimento atribui a *décroissance* exprime negação e recusa à economia capitalista e ao seu primado de crescimento. Por essa razão, não basta reduzir a produção e o consumo se esse processo for exclusivamente econômico; é necessário que haja uma vontade política para negar os princípios que fazem com que a economia veja com olhos negativos essa redução – trata-se de inverter o sentido do trem e, não apenas, desacelerar.
- 18 Foi também com a crise que começaram a circular impressões sobre o crescimento do movimento. Muitos textos indicam que a *décroissance* vem se tornando mais conhecida e algumas de suas propostas e idéias estão se difundindo na França. Tal expansão da *décroissance*, por sua vez, também teve repercussões. Por um lado, recebeu algumas críticas: tanto por não questionar as estruturas, o que seria essencial em um momento de crise (Leroy, 2008), quanto por ter sido considerada uma “ecologia radical”, tão extremista como o comunismo ou fascismo:

[...] les théories de la décroissance connaissent en cette période de crise un inquiétant développement. L'écologie radicale est en train de devenir le nouvel

extrémisme qui Elle risque fort d'être au XXIème siècle ce qu'auront été le communisme et le fascisme au XXème. Portée par de nouveaux fanatiques bon chic bon genre, ces théories pourraient bien, à la faveur de la crise, engendrer un nouveau totalitarisme fondé sur une haine de l'espèce humaine et une irrationnelle pulsion d'autodestruction.

Malakine, 2009.

- 19 Por outro lado, a *décroissance* foi transformada em “tendência” e possibilidade de lidar com a crise (Cabanel, 2009). Também, aparece como tendência do comportamento dos consumidores franceses, mesmo antes da crise econômica:

La prise de conscience récente de la crise bancaire est révélatrice de la fracture entre une élite, jusqu'à présent épargnée, et le consommateur moyen qui souffre depuis un an, fait valoir Dominique Lévy, directrice associée de l'institut d'études TNS Sofres.

"La crise n'a pas commencé au mois d'août, elle a commencé bien avant. Cette crise financière qui éclate et affole les élites, c'est un abcès qui crève (...) pour le consommateur c'est la crise depuis longtemps", a-t-elle déclaré lors d'un colloque de l'Internet Advertising Bureau. L'état d'esprit du consommateur peut se résumer ainsi : "il y a un moment que l'on rame, maintenant c'est votre tour".

Dans ce contexte, une réflexion sur la valeur du bien consommé émerge et de nouveaux comportements de "déconsommation", inspirés des tenants de la décroissance, se multiplient.

"Les gens se posent des questions sur le sens de la consommation" avec le sentiment que "c'est l'accélération de la consommation qui a conduit à cet emballement de l'économie qui nous tombe sur la tête", a observé Dominique Lévy.

"On ne va pas supprimer le chocolat pendant six semaines mais on va apprendre à moins consommer de chocolat durablement", prédit-elle. "On va se mettre en comportement de pénurie dans les mois qui viennent."

Pour la directrice associée de TNS Sofres, le consommateur qui a pris l'habitude de faire ses achats dans les magasins de hard discount ne reprendra pas le chemin de la grande distribution classique une fois son portefeuille regarni, mais il arbitrera l'éventuel excédent avec d'autres dépenses.

**Meistermann, 2008.**

- 20 Essa tendência é reiterada por estatísticas (Vittori, 2009): ao invés de uma redução no consumo (o que de fato estaria acontecendo, mas apenas em alguns setores da economia), estaria em curso um hiperconsumo, ou seja, com os consumidores refletindo melhor sobre o que compram, mas sem deixar de comprar e, se não podem consumir certos produtos, consumiriam outros. Os grandes números mostram que, apesar de algumas quedas, não se trata de uma catástrofe, pois, se por um lado, os gastos estão maiores, inibindo o consumo, por outro, o "bem-estar" ainda é o objetivo e novas formas de consumo aparecem para satisfazê-lo.
- 21 A crise econômica trouxe, portanto, novas questões para a *décroissance*. Em primeiro lugar, foi necessário um debate mais amplo sobre o sentido do termo. Foi, também, a ocasião em que o movimento se tornou mais conhecido, em face de algumas de suas propostas serem requalificadas em outros circuitos, como evidencia a pesquisa de mercado sobre a tendência dos consumidores franceses.
- 22 Essa transformação da *décroissance* em “tendência” implica novas tensões, uma vez que o movimento se constituiu tendo a sociedade do consumo como alvo de crítica. A voz oficial da *décroissance*, proferida pelo instituto de pesquisa, nasceu de um grupo de pessoas que participavam do coletivo anti-publicidade *Casseurs de Pub*, o qual publica, mensalmente, o jornal *La Décroissance*. Muitas vezes, esses jornais trazem na capa alguma crítica ao consumismo, como a manchete “Grève de la conso”, de 2005, com o desenho de um

homem engravatado comendo carros, casas, televisores e computadores; ou a manchete “Merde au pouvoir d’achat”, em 2008, acompanhada por um desenho de um casal coberto de aparelhos eletrônicos em um carro, levando no porta-malas uma infinidade de produtos, como tênis, computador, moto, avião. Isso indica que, oficialmente, há um cruzamento entre publicidade, consumo e *décroissance*. As vozes não oficiais também adotam essas críticas, como o fazem o instituto e o jornal do movimento.

- 23 Como foi visto, a *décroissance* critica o desenvolvimento sustentável opondo-se a ele e recusando-o. Mas o desenvolvimento enfatiza a familiaridade e semelhança entre ambos, produzindo uma continuidade entre as propostas. Com a crise, uma relação análoga entrou em cena: a *décroissance* critica o consumo e propõe a recusa ao crescimento (em vez de redução) mas, ao mesmo tempo, é transformada em “tendência dos consumidores”, que diminuem seu consumo em resposta à crise, mas sem abdicar do “bem-estar”.
- 24 As relações de oposição que a *décroissance* estabelece são invertidas no momento mesmo em que são incorporadas por seus opostos e, do ponto de vista destes últimos, a oposição deixa de existir. O desenvolvimento sustentável transforma sua crítica em aliada e, para isso, nega a negação. A crise econômica busca sua solução em tendências *décroissantes* e transforma a recusa em redução. A dimensão semântica pode ser entendida como uma estratégia para essa inversão da crítica, uma vez que a palavra *décroissance* comporta dois sentidos – negação do crescimento e redução do crescimento.
- 25 Mas a dimensão dos significados não esgota tal processo. A captura da crítica mediante sua inversão também passa pela questão do consumo: é por meio de uma apropriação das práticas das pessoas, transformadas em consumidoras, que o sistema vê como uma alternativa a sua manutenção. Uma vez que a *décroissance* enfatiza a dimensão do consumo, a crise econômica encontrou aí uma possibilidade de se superar. O consumo na crise é reduzido e a *décroissance* defende que se consuma pouco – tal proximidade permitiu que a recusa proposta pelo movimento fosse vista como nova modalidade de consumo. Algo semelhante ocorre com o desenvolvimento sustentável: a recusa do consumo é transformada em novo modo de desenvolvimento, pois se as pessoas consomem de forma consciente, isso não destrói a natureza, ao mesmo tempo, em que se mantém o desenvolvimento econômico.
- 26 Alguns antropólogos vêm se dedicando ao estudo do desenvolvimento sustentável e propõem que o conceito é plástico e abrangente (Ribeiro, 2000), pois a própria noção de desenvolvimento seria integrativa em seu princípio. Esse seria um caminho para compreender a relação entre desenvolvimento sustentável e *décroissance*. Redclift (2006) argumenta que a vaga noção de desenvolvimento sustentável foi formulada oficialmente no relatório Brundtland, em 1987, a serviço da falta de acordo sobre um processo que quase todos desejavam e acreditavam necessário. É como se, por meio de uma definição ampla, os interesses diversos, que procuravam articular desenvolvimento e preocupações ambientais, fossem contemplados.
- 27 Essas teses sobre o desenvolvimento sustentável, apesar de trazerem ganhos para a discussão, apresentam alguns problemas. Por conferirem um papel fundante às instituições internacionais, acabam desconsiderando vozes não oficiais, e o desenvolvimento sustentável torna-se um bloco unívoco de discursividades. As tensões entre *décroissance* e desenvolvimento sustentável mostram, ao contrário, que essas vozes não oficiais estão presentes, mas sua presença é calada e suprimida por meio de sua inversão e incorporação ao discurso dominante.

- 28 Além disso, se esse mesmo processo se verifica com relação à crise econômica e ao consumo, a flexibilidade também caracteriza outros conceitos, inclusive aqueles associados à *décroissance*, pois estes também se transformam de acordo com as situações. Dessa forma, a maleabilidade das noções, ideias e propostas parece estar em todos os lados e não apenas nos conceitos dominantes.
- 29 Isso permite recolocar a questão: se *décroissance*, crise, desenvolvimento sustentável, consumo e outros conceitos são dinâmicos e se transformam, a relação entre eles não é sempre simétrica. Há relações de força que fazem com que alguns sejam calados por outros. Logo, pode-se pensar em como essas noções, conceitos e práticas se relacionam e não apenas colocá-los lado a lado. O debate sobre a inversão da *décroissance*, no momento de sua incorporação por aqueles contra os quais se opõe, indica o modo como isso ocorre e elucida as forças em jogo na consolidação desses conceitos e noções.
- 30 No início deste artigo, foi proposto que a *décroissance* era uma combinatória local, uma configuração específica de linhas de força que circulam por todo o sistema mundial. As tensões locais entre o movimento e o desenvolvimento sustentável, ou as relações microscópicas entre a *décroissance* e a crise econômica revelam relações de força e apontam para um processo mais amplo de incorporação por meio de sua inversão – que aqui será somente sugerido, uma vez que seria necessário maior desenvolvimento dessas questões.
- 31 O processo de inversão mediante a incorporação, tal como defendem diferentes autores a partir de perspectivas teóricas distintas, é a maneira pela qual o capitalismo contemporâneo funciona, incorporando em sua lógica aquilo que a princípio seria sua recusa. Safatle (2005) defende esse argumento ao se aproximar do universo *punk* dos anos 70. Segundo o autor, o movimento cultural de recusa ao capitalismo se tornou “a mola de sustentação do próprio capitalismo”. Apesar das divergências teóricas, Hardt e Negri (2006) convergiam para algo semelhante ao defender que as novas subjetividades produzidas nos anos 70, como as críticas à sociedade disciplinar e ao capitalismo industrial, converteram-se em uma nova forma de trabalho, o trabalho imaterial, que sustenta o novo capitalismo imperialista.
- 32 Este pequeno artigo não seria suficiente para fazer tal associação da *décroissance* com o capitalismo, mas algumas indicações parecem ter surgido. Assim como o movimento *punk* ou as novas subjetividades, a *décroissance* também conheceu um processo de inversão mediante sua incorporação pelas vozes que lhe eram opostas. A questão é que esse processo opera microscopicamente e, se o sistema é mundial, os jogos de força se dão em todos os lugares – a *décroissance* é um deles. Isso levaria diretamente à discussão sobre o capitalismo, pois o que se vê não é um processo unificado, mas um sistema mundial que opera localmente. A pesquisa sobre a *décroissance* joga luz sobre lutas locais travadas também por um capitalismo que incorpora discussões ambientais através da inversão das críticas que lhe são feitas. Apesar de local, portanto, o movimento pode levantar questões mais amplas, que podem trazer rendimentos e contribuições para as ciências sociais em geral e para a antropologia em particular.



---

## BIBLIOGRAFIA

### TEMATICA

- Ariès, Paul. "Leur récession n'est pas notre décroissance". *La Décroissance*. França. Outubro, 2008.
- Betti-Cusso, Martine. "Sauver la terre et ses hommes". *Le Figaro Magazine*. França. 08 de outubro, 2005
- Bonal, Cordelia. "Quoi de neuf dans le dico?". *Libération*. 12 de junho, 2009. Disponível em [www.liberation.fr/vous/0101573811-quoi-de-neuf-dans-le-dico](http://www.liberation.fr/vous/0101573811-quoi-de-neuf-dans-le-dico). Último acesso em 12 de junho, 2009.
- Cabanel, Olivier. "Attention! déflation droit devant!". *AgoraVox*. 17 de janeiro, 2009. Disponível em [www.agoravox.fr/actualites/economie/article/attention-deflation-droit-devant-50168](http://www.agoravox.fr/actualites/economie/article/attention-deflation-droit-devant-50168). Último acesso em 21 de janeiro, 2009.
- Cheyne, Vincent. "Le choc de la décroissance". *NaturaVox*. S.d. Disponível em <http://www.naturavox.fr/Le-choc-de-la-decroissance-Vincent-Cheyne.html>. Último acesso em 13 de julho, 2009.
- Defeyt, Philippe. "Pouvoir d'achat: mais pour acheter quoi?". Entrevista concedida a *Portail Développement Durable*. 09 de agosto, 2008. Disponível em <http://www.developpementdurable.be/praktijk/33/articles/297>. Último acesso em 4 de agosto, 2009.
- Généreux, Jacques. "Récession : «La croissance négative, c'est de la manipulation»". Entrevista concedida ao jornal *Libération*. 15 de maio, 2009. Disponível em <http://www.liberation.fr/economie/0101567497-recession-la-croissance-positive-c-est-de-la-manipulation>.
- Grinevald, Jacques. *Georgescu-Roegen: Bioéconomie et biosphere*. S.d. Disponível em [www.decroissance.org/?chemin=textes](http://www.decroissance.org/?chemin=textes). Último acesso em 29 de fevereiro, 2008.
- IEESDS. "Historique du mot". *Les Cahiers de l'IEESDS*. Número 1, dezembro, 2006.
- Jouve, Didier. "Interview: «Ce que nous faisons, nos enfants ne pourront plus le défaire»". *Libération*. 19 de janeiro, 2009. Disponível em <http://www.liberation.fr/libe-lyon/0101313080-ce-que-nous-faisons-aujourd-hui-nos-enfants-ne-pourront-plus-le-defaire>. Último acesso em 20 de setembro, 2009.
- La Décroissance*. "Bâtisseur du développement durable". França. Nº 60. Junho, 2009.
- Latouche, Serge. "Sortir de l'économie". *Politis*. 9 de janeiro, 2003(a). Disponível em [www.politis.fr/article411.html](http://www.politis.fr/article411.html). Último acesso em 14 de março, 2009.
- ..... "As vantagens do decrescimento". *Le Monde Diplomatique Brasil*. Novembro, 2003(b). Disponível em <http://diplo.uol.com.br/2003-11,a797>. Último acesso em 14 de março, 2009.
- Leroy, Jérôme. "Non à l'Ordre décroissant!". *Causeurs Salon de Réflexions*. 23 de outubro, 2008. Disponível em [www.causeur.fr/non-a-l%E2%80%99ordre-decroissant,1180#fnref-1180-1](http://www.causeur.fr/non-a-l%E2%80%99ordre-decroissant,1180#fnref-1180-1). Último acesso em 24 de outubro, 2008.

Malakine. “L'écologie radicale, nouvelle peste verte”. *Marianne2.fr*. 15 de abril, 2009. Disponível em [http://www.marianne2.fr/L-ecologie-radicale,-nouvelle-peste-verte\\_a178066.html](http://www.marianne2.fr/L-ecologie-radicale,-nouvelle-peste-verte_a178066.html). Último acesso em 23 de março, 2009.

Meistermann, Nathalie. “Le Français moyen souffre depuis un an, estime TNS Sofres”. *Le Point*. 21 de outubro, 2008. Disponível em [www.lepoint.fr/actualites/2008-10-21/le-francais-moyen-souffre-depuis-un-an-estime-tns-sofres/1037/0/284459](http://www.lepoint.fr/actualites/2008-10-21/le-francais-moyen-souffre-depuis-un-an-estime-tns-sofres/1037/0/284459). Último acesso em 30 de outubro, 2008.

Ridoux, Nicolas. “Por una vida más frugal”. *El País*. 21 de março, 2009. Disponível em [www.elpais.com/articulo/opinion/vida/frugal/elpepiopi/20090321elpepiopi\\_12/Tes](http://www.elpais.com/articulo/opinion/vida/frugal/elpepiopi/20090321elpepiopi_12/Tes). Último acesso em 23 de março, 2009.

Veiga, José Eli. "Seminário 'Georgescu+10'". *Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica*. Setembro, 2004. Disponível em [www.ecoeco.org.br/pdf/boletim%20mensal1.pdf](http://www.ecoeco.org.br/pdf/boletim%20mensal1.pdf). Último acesso em 27 de fevereiro, 2008.

Vittori, Jean-Marc. “L'hyperconsommateur arrive!”. *Les Échos*. 15 de janeiro, 2009. Disponível em [www.lesechos.fr/info/analyses/4818750-l-hyperconsommateur-arrive-.htm](http://www.lesechos.fr/info/analyses/4818750-l-hyperconsommateur-arrive-.htm). Último acesso em 16 de janeiro, 2009.

## TEORICA

Bramwell, Anna. *Ecology in the 20th century: a history*. Yale University Press, New Heaven e Londres, 1989.

Dalton, Russel. *The Green Rainbow*. Yale University Press, New Heaven e Londres, 1994.

Foucault, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história” e “Genealogia e poder”. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

Hardt, Antonio; Negri, Michael. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Morawska Vianna, Anna Catarina e Sklair, Jessica. “Entrelaçando etnografias: um olhar pós-social sobre as redes transnacionais do terceiro setor”. 32o Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2008.

Redclift, Michael R. "Sustainable development (1987-2005): an oxymoron comes of age". *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 12, n. 25, jun. 2006 .

Ribeiro, Gustavo Lins. “Ambientalismo e desenvolvimento sustentado, nova ideologia/utopia do desenvolvimento”. In: \_\_\_\_\_. *Cultura e política no mundo contemporâneo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

Safatle, Vladimir. “Revolta e forma-mercadoria”. *Cult*, edição 96, 2005.

## WEBGRAFIA

Décroissance.Info : [www.decroissance.org](http://www.decroissance.org)

Journal La Décroissance: [www.ladecroissance.net](http://www.ladecroissance.net)

Simplicidade Voluntária – Brasil : [www.simplicidadevoluntaria.net](http://www.simplicidadevoluntaria.net)

Simplicité Volontaire – Canadá : [www.simplicitevolontaire.info](http://www.simplicitevolontaire.info)

## NOTAS

1. Essas ideias ainda estão sendo trabalhadas pelas autoras e agradeço especialmente a Catarina Morawska Vianna pela inspiração e pelas conversas.
2. Cf. os sites [simplicitevolontaire.info](http://simplicitevolontaire.info) (Canadá) e [simplicidadevoluntaria.net](http://simplicidadevoluntaria.net) (Brasil).

3. Não pretendemos dar conta de todas as perspectivas de desenvolvimento sustentável, já que, assim como a *décroissance*, explodiram diferentes usos da expressão, alguns dos quais mutuamente excludentes (Redclift, 2006). Referimos-nos, aqui, a alguns textos que dialogam explicitamente com a *décroissance*.

---

## RESUMOS

Este breve artigo parte de um movimento político francês que recusa o crescimento econômico recorrendo a argumentos ambientais, chamado *décroissance*, para investigar como meio ambiente e política se articulam localmente. A partir de textos de diversas origens e opiniões sobre o movimento, a pesquisa aqui apresentada pretende explicitar as relações de força que cruzam conceitos como crise econômica, desenvolvimento sustentável e consumo. Os conflitos e tensões que permeiam tais conceitos levam a considerações mais amplas sobre o capitalismo, mas que neste artigo são apenas sugeridas.

## AUTOR

**ANA FLÁVIA PULSINI LOUZADA BÁDUE**

Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo – USP